

OS SOFISTAS, SEUS CONTEMPORÂNEOS E ALUNOS NOS SÉCULOS V e IV

Rudolf Pfeiffer

O movimento sofista do século V assume uma posição única na história do mundo antigo; nunca se repetiu, e, em sentido histórico, não é legítimo falar num "segundo período sofista" na era Romana. O papel que o movimento sofista desempenhou nos primórdios (ou na pré-história) da escolaridade clássica tem natureza intermediária. Os sofistas estavam tão ligados ao passado quanto foram capazes de desenvolver as suas próprias ideias a partir de pistas encontradas na literatura anterior, razão pela qual se deve ter sempre em conta, quer a poesia quer a filosofia e a história anteriores. Por outro lado, os sofistas foram os primeiros a influenciar, não só a escrita em prosa, a retórica, como, acima de tudo, a dialéctica, mas

também a poesia contemporânea e posterior. Eles forçam-nos pois a olhar em frente.

Num certo sentido, os sofistas podem ser encarados como os herdeiros dos rapsodos. Também eles vinham de várias partes do mundo helénico e vagueavam por todas as terras onde se falava o grego. Contudo, na época posterior à expulsão dos tiranos e à derrota do invasor persa, os seus caminhos convergiam naturalmente para Atenas, a cidade-estado líder da democracia, onde podiam reunir os melhores alunos à sua volta. Os sofistas explicavam poesia épica e arcaica, combinando as suas próprias interpretações com observações linguísticas, definições e classificações, na linha dos filósofos anteriores. No entanto, o seu interesse pela poesia homérica ou lírica teve sempre como objectivo prático "educar os homens", como Pitágoras disse no diálogo Protágoras de Platão. O seu objectivo não era pois interpretar a poesia, por puro prazer, ou para descortinar as regras gramaticais que permitissem compreender a estrutura da linguagem. O que pretendiam era alcançar uma dicção correcta e uma pronúncia correcta da forma certa da palavra certa. Os grandes escritores do passado seriam os modelos a partir dos quais se teria que aprender. Nesse sentido, tornaram-se precursores dos virtuosos no campo literário.

Se a escolaridade fosse um mero artifício, eles teriam sido os seus pioneiros na medida em que inventaram e ensinaram vários truques úteis e acreditaram que tais habilidades técnicas poderiam permitir fazer tudo. Mas, justamente por

este motivo, não merecem o nome de professores¹. Nem eles teriam sequer gostado de assim serem chamados. Menos ainda merecem o nome de humanistas. Os sofistas preocupavam-se, não com os valores que constituem a humanidade da conduta humana, mas com a utilidade da sua doutrina e da sua técnica para os indivíduos, especialmente na vida política.

Apresentaremos adiante alguns exemplos, tirados de aspectos individuais da sua actividade. Analisaremos a prática sofística da interpretação, da análise da linguagem, da crítica literária, da tradição antiga e da polimatia.

Contudo, uma das suas contribuições para a escolaridade futura requer maior atenção, devendo por isso ser tratada em primeiro lugar. A existência da escolaridade depende do **livro**, e o seu uso tornara-se vulgar durante o século V, especialmente através dos escritos dos sofistas. A literatura grega anterior tinha por base a tradição oral, tendo que ser recitada e escutada. Nos séculos V e IV encontramos ainda uma forte reacção contra a transição inevitável da palavra falada para a escrita. Apenas a civilização do século III pode ser apelidada - sem exagero - como "livresca".

Dada a sua importância para a escolaridade grega, este parece ser o momento certo para considerar o "cenário oriental" em oposição ao qual a cultura grega floresceu. Apesar de consciente deste processo histórico, sinto-me naturalmente relutante em falar dele, na medida em que não tenho o mais leve conhecimento das línguas respectivas, razão

¹"Scholars" no original (N.T.).

pela qual me vejo forçado a depender dos relatos e interpretações de especialistas e a ter que retirar conclusões com a devida reserva.

Escavações realizadas na Mesopotâmia revelaram a existência remota, não apenas de arquivos com documentos em tábuas de barro, mas também de "bibliotecas" com textos literários. Sabemos que a partir de cerca de 2800 a.c. os habitantes que falavam sumeriano tinham escritórios de registos, assim como bibliotecas e escolas em ligação com os templos dos seus deuses. Os zeladores pelas tábuas de barro, que tinham como tarefa preservar os preciosos textos, sublinhavam a importância da exactidão das palavras nos originais e tentavam corrigir erros dos copistas chegando para tal a compilar um certo tipo de glossários. Por volta do fim do terceiro milénio, os invasores semitas do norte (os Babilónicos, como seriam posteriormente designados) adoptaram os métodos sumérios de preservação e fizeram, também eles, listas com as palavras sumérias e seus equivalentes acadianos. No decurso do segundo milénio, os Hititas conquistaram vastas áreas da Anatólia. Existem tábuas cuneiformes encontradas na capital, Bogaskoy, que mostram, em três colunas paralelas, palavras equivalentes em Hitita, Sumério e Acadiano. Foram feitas descobertas idênticas, datando da segunda metade do segundo milénio, durante as escavações de Ugarit (Ras-Shamra) no norte da Síria. No século VII a.c., muita da tradição, especialmente babilónica, foi copiada para o palácio-biblioteca do grande rei sírio Assurbanípal, o qual tinha tanto orgulho nas suas capacidades de domínio da escrita como

nas suas conquistas. Existem mais de 20.000 destas tábuas e fragmentos no Museu Britânico.

Os escribas haviam herdado uma técnica verdadeiramente refinada e desenvolveram-na ainda mais nas notas descritivas que colocavam no fim de cada tábua. Sem qualquer exagero romântico, pode-se dizer que estes escribas sentiam uma responsabilidade "religiosa" pela correcta preservação dos textos, dado que, num certo sentido, todos os textos eram considerados sagrados. Inventaram um complicado método de catalogação para o material escrito, as tábuas de barro, tendo as listas de palavras de diferentes línguas constituído um produto de condições singulares da história da Mesopotâmia e dos países vizinhos. No entanto, nenhuma escolaridade emergiu dessas notas descritivas e glossários paralelos que apenas serviram as necessidades práticas dos arquivos, bibliotecas e escolas dos templos. Aliás, o mesmo se passa em outros campos: os extensos anais do oriente não conduziram a uma escrita metódica da História. George Sarton, na sua History of Science, realça a importância do controle de uma língua para o despontar da ciência babilónica, que necessitava de "ferramentas linguísticas com exactidão suficiente". (...) Por outro lado, C. Wendel, considerando o modo como os recursos técnicos da escrita e da preservação da tradição escrita podem ter chegado aos jónios da Ásia menor, argumenta convincentemente que esses elementos teriam vindo do leste e não do Egipto. Mas, no estado actual do conhecimento, nada mais se pode fazer que especular acerca das possibilidades de contacto entre os povos. Não é improvável que os habitantes

gregos da costa ocidental da Ásia Menor e das ilhas, tivessem escrito em peles de animais antes de utilizarem os papiros egípcios e que, ocasionalmente, o continuassem a fazer. Apesar de haver evidências literárias do uso de rolos de cabedal pelos escribas orientais, especialmente aramaicos, não só na Pérsia, mas também na Mesopotâmia, Fenícia e Palestina, tais exemplares eram muito raros, até que os escritos aramaicos² do século V a.c. (agora na biblioteca Bodliana) foram publicados em 1954.

(...) Segundo Heródoto, os gregos seriam inicialmente "iletrados". Contudo, ele deve ter conhecido outra tradição a partir de uma das suas principais fontes, Hecateu de Mileto, com quem aliás dois outros escritores milesianos, Anaximandro e Dionisio, concordavam, nomeadamente que, "antes de Cadmo, os Danaos tinham trazido as letras". Os Danaos tinham vindo do Egípto (não da Fenícia) para a Argólida. A rivalidade entre o Egípto e o próximo oriente neste campo remonta a esta época e persiste até aos dias de hoje. Dado que centenas de tábuas de barro, escritas na caligrafia linear B (anteriormente exclusivas da região de Knossos), foram encontradas perto de Filon por C.W. Blegen (1939) e noutros locais da Grécia (Micenas, 1950, por Alan J.B. Wace), tornou-se óbvio que Heródoto estava errado quando opinou, embora cautelosamente, que a Grécia seria iletrada antes da introdução do alfabeto fenício. Dizia-se que as tábuas teriam sido escritas entre os séculos XV e XIII a.c., em finais do período heládico, ou, como Furtwangler o designou, da época micénica (os registos

²"Aramaic *parchments*" no original, isto é, documentos escritos em pele de ovelha ou cabra (N.T.)

mais completos de Filon datam do século XIII). Pode-se designar esta época como a "heróica" admitindo que seria esse o mundo dos heróis cujas histórias se podem ler nos poemas homéricos. Os exemplos dessa escrita micénica que sobreviveram (até à data, mais de 1.000 tábuas), não são mais do que "listas de materiais e de pessoal", sem referências aos nomes dos escribas e sem correcções ou alterações de um revisor, como acontece nas tábuas acádicas ou ugaríticas já mencionadas. Tanto o conteúdo como o método dessas tábuas são muito primitivos quando comparados com as outras "bibliotecas" orientais. Se a engenhosa teoria da decifração de Michael Ventris estiver correcta, estamos confrontados com uma estranha e primitiva língua grega pré-homérica, escrita numa caligrafia cheia de ambiguidades. É impensável que esta escrita atrapalhada pudesse ter sido utilizada num texto literário. Como quer que tenha acontecido, sabe-se agora que havia alguma verdade nas afirmações dos predecessores milesianos de Heródoto, segundo as quais os Danaos teriam antecipado Cadmo. Alguns escritores sustentam que a Ilha de Creta (e não Cadmo) é o local onde as letras teriam sido primeiramente inventadas, outros defendem outras hipóteses. Contudo, todas estas versões apontam numa direcção: elas põem em causa a prioridade do alfabeto Fenício e apontam para uma escrita grega anterior, e, neste aspecto, só agora estas hipóteses têm vindo a ser surpreendentemente confirmadas.

No entanto, a origem fenícia do "alfabeto", tal como foi utilizado no período histórico grego, nunca foi seriamente posta em causa. Heródoto não é, de modo algum, a mais antiga

autoridade na matéria. Alguns dos escritores milesianos são meio século anteriores, tendo a mais antiga inscrição de Teos sido escrita pouco após (479 a.c.). (...). A verdade desta tradição literária que, como vimos, não era limitada a Heródoto, mas comum na primeira metade do século V, pode ser estabelecida pela comparação de inscrições gregas de finais do século VIII a.c. com a escrita semítica desse século e do anterior. Semelhanças na forma das letras mostram que o modelo fenício teria sido adoptado e modificado por volta dessa altura. Nas mesmas regiões do próximo oriente, também os jónios parecem ter aprendido a preparar peles para escrever, e, como os papiros egípcios foram baptizados em grego com um nome alusivo à cidade de Biblos, pode-se defender que, inicialmente, os papiros foram importados dos fenícios, mesmo antes da fundação de Naucratis ter permitido estabelecer um contacto directo entre o Egípto e a Grécia, no século VII. Assim, no presente estado dos conhecimentos, tudo leva à conclusão que a introdução de letras e papiros data de fins do século IX ou princípios do VIII, possivelmente por uma rota ao longo da costa sul da Ásia Menor até Rodes.

(...) A escrita fenícia não era nem cuneiforme nem estritamente silábica. Consistia em caracteres discretos, mas apenas para as consoantes. Quando os gregos adoptaram estas "letras" deram o passo decisivo de usar tal tipo de letras para todos os "elementos" da língua: vogais e consoantes. Agora, pela primeira vez, podia ser trabalhada a quantidade de sílabas e especialmente a estrutura quantitativa dos versos. Um verdadeiro alfabeto tinha nascido. Esta foi uma das grandes

criações do génio grego, que data do século IX ou VIII a.c. e pertence à idade épica. Os poemas épicos são representativos desses dois séculos. A Iliáda e a Odisseia ainda hoje mostram de que modo o génio grego tomou consciência de si próprio e descobriu a sua própria natureza naquele momento particular da sua história. Uma nova face do mundo surgiu, a verdadeira face grega. Eu costumava realçar nas minhas aulas sobre Homero o importante facto de a adaptação dos caracteres fenícios e a forma final dos grandes poemas épicos pertencerem à mesma era. Que o alfabeto "pudesse ter sido inventado como uma notação para os versos gregos" é uma ideia muito atraente, e é desejável que pudesse ser demonstrada. Por outro lado, as inscrições alfabéticas do século VIII que não estão todas em verso, dificilmente podem ajudar. Mas, houve sem dúvida um início, e não apenas uma mera continuidade, entre as eras heróica e épica. É paradoxal recorrer a uma avaliação histórica da escrita micénica recentemente descoberta como base para conclusões acerca do desenvolvimento interno gradual da civilização grega do século XIII ao IX. Até porque, pelo contrário, a comparação dessa escrita silábica em tábuas com a escrita alfabética, ilustra, mais do que qualquer outra coisa, uma mudança revolucionária, um início completamente novo. A partir deste começo, o objectivo de um sistema alfabético sólido deve ter sido alcançado em pouco tempo. Apesar de algumas alterações menores e ligeiras melhorias, não houve nenhum progresso ulterior durante ou depois da era grega. O **alfabeto** era "perfeito", tendo encontrado a sua natureza no

período épico. O mesmo aconteceu na literatura e na arte em outras províncias da civilização grega.

Um novo instrumento havia sido criado. Instrumento que, por um lado, era importante para a expressão das *nuances* exactas da língua na poesia e filosofia, e por outro, era indispensável para a interpretação e análise da escola. Neste sentido, os caracteres fenícios adoptados foram designados como "auxiliares do logos" por Crítias que, num poema elegíaco na segunda metade do século V acerca de várias invenções de pessoas e cidades, afirma: "os fenícios inventaram as letras que ajudam o homem a pensar e a falar". No período arcaico que se seguiu à idade épica, o objectivo maior dos gregos era a beleza da escrita; como prova disso, temos as inscrições em pedra, preservadas desde então. (...). A Grécia arcaica tinha orgulho em encarar a escrita como uma forma de arte, orientada para a beleza e dificilmente se duvidará que esta se encontrava muito espalhada. Contudo, a questão central é saber até que ponto a poesia, e depois a filosofia, foram escritas e em que altura surgiu algo parecido com uma publicação comercial.

Só pela comparação com o cenário oriental nos pudemos aperceber do padrão de desenvolvimento da Grécia pré-histórica, razão pela qual fomos obrigados a afastar-nos, por algum tempo, do nosso tema principal. Na Grécia não se encontram grupos de escribas ou castas de sacerdotes a quem fosse reservado o conhecimento da escrita, nem livros sagrados cuja transmissão fosse o seu privilégio especial. A escrita

alfabética grega era acessível a todos e tornou-se a herança comum de todos os cidadãos que fossem capazes de utilizar uma caneta (ou um pincel) e de ler. Referimo-nos já à disponibilidade dos materiais da escrita em tempos recuados, especialmente à importação dos papiros do Egípto, onde eram usados desde o terceiro milénio na forma de rolos maiores ou menores para fins religiosos ou literários. Dos séculos VIII e VII em diante, parecem existir, portanto, todas as condições necessárias à produção de livros na Grécia. Se se tentar responder às duas questões formuladas no parágrafo anterior, devem-se distinguir **quatro períodos**. Provavelmente existiu um **primeiro período** de mera composição e tradição orais na poesia. Aceita-se, sem posteriores evidências, que a **segunda etapa** teria começado com a introdução da escrita alfabética. Os poetas épicos, herdeiros da velha tradição oral, iniciaram a passagem das suas composições para esta nova escrita. Como produto dessa era criativa temos os dois poemas homéricos que ainda hoje existem. A transmissão permaneceu oral: os próprios poetas e os rapsodos que os acompanhavam, recitavam as suas obras para uma audiência. Esta tradição foi confirmada pela escrita que, até certo ponto, estava sob o seu controle. Até agora, não há quaisquer evidências da produção de livros em grande escala, da circulação de cópias ou de um público leitor na idade lírica. O poder da memória manteve-se sem ser desafiado, e a tradição da poesia e filosofia antiga permaneceu oral. A partir da história da escrita e do livro, não se pode provar a lenda da recensão feita por Pisistrato aos poemas Homéricos, ou a crença de que Pisistrato e

Policrates teriam sido colecionadores de livros e fundadores de bibliotecas públicas.

Só no século V a situação se altera. O **terceiro período** começa quando, não só a composição oral, mas também a tradição oral, começam a perder importância. O primeiro sinal desta mudança reside no súbito aparecimento de referências frequentes à escrita e à leitura na poesia e arte dos anos setenta do século V. A figura do escriba e do leitor estimularam aparentemente a imaginação de poetas e pintores de cerâmica da altura. Dificilmente terá sido por acaso que todos os grandes poetas tenham começado a utilizar o novo símbolo da palavra escrita para a actividade mental de "relembrar". Este facto é particularmente surpreendente se tivermos em conta o papel que a memória física teria desempenhado no passado (...). Em vários escritores, nomeadamente Ésquilo, encontra-se uma concepção divina das tábuas, designadas como "as tábuas da mente", e também a ideia das "tábuas de Zeus", nas quais tinham sido registados os crimes dos homens, imagem que lembra divindades das religiões orientais escrevendo os seus livros sagrados (...).

Passando do campo da literatura para as pinturas áticas de vasos, verifica-se que não se encontram quaisquer figuras de "livros" nas peças ilustradas a negro, sendo temas favoritos a representação de cenas da vida simples. Só nas peças ilustradas a vermelho, datando de cerca de 490 a 425 a.c. da autoria de contemporâneos dos poetas trágicos, aparecem pela primeira vez cenas da vida "cultas", com representações de rolos com inscrições. Pelo menos três destas

pinturas parecem ser ligeiramente anteriores às peças datadas de Ésquilo. Em meia dúzia de jarras, podem decifrar-se letras ou palavras de poemas épicos e líricos escritas em rolos de papiro. Vêm-se jovens e mestres-escola lendo os textos. Na segunda metade do século V, nomes famosos como os de Safo, Lino e Musaios aparecem juntos com estas figuras. Numa peça de cerca de 460 a.c. está mesmo representada uma esfinge, recitando um enigma a partir de um livro aberto sobre as suas patas. Segundo cremos, justifica-se que a coincidência entre as passagens literárias e as pinturas nos vasos seja tida como prova de uma mudança na utilização vulgar dos livros. Sem dúvida que terá sido uma mudança lenta, levando gradualmente ao **quarto e último período**, período no qual foi estabelecida a tradição literária dos livros.

O desenvolvimento neste período não pode ser acompanhado passo a passo. Não existem provas, mas apenas alusões casuais, na comédia antiga e nos diálogos platónicos, os quais, apesar de bem conhecidos, carecerem de cuidadosa reconsideração. Eupolo, um contemporâneo de Aristófanes, menciona, provavelmente nos anos vinte do século V, um lugar "onde os livros estão em saldo". Sócrates, após ter ouvido alguém ler uma passagem pertencente a um livro de Anaxágoras, conseguiu rapidamente obter os seus livros, se bem que tivesse ficado desapontado. Quando Platão, na Apologia, se refere a Anaxágoras, Sócrates menciona com ironia, se não com desprezo, que ao preço de um dracma qualquer um poderia comprar os seus livros no mercado. Se bem que a passagem não se deva levar muito a sério, é um facto que os livros de Anaxágoras teriam

estado disponíveis aos atenienses em geral. Por outro lado, não há qualquer certeza acerca da tradição, relatada por Clemente de Alexandria nas suas listas de "primeiros inventores", de que Anaxágoras tenha sido "o primeiro a publicar um livro escrito". A praga dos livros na cidade das Nuvens de Aristófanes é a contrapartida satírica das condições em Atenas no final do século. Por volta de 400 a.c. os livros eram exportados para países do Mar Negro. Algo deve ter sucedido que estimulou uma tão **elevada produção de livros**. Dificilmente terá sido suficiente a influência do jónio Anaxágoras, mesmo apesar de instalado em Atenas antes da guerra do Peloponeso e desfrutando da amizade de Péricles.

No decurso do século V, os poetas trágicos, os historiadores e os sofistas tornaram-se as figuras predominantes na vida literária de Atenas. As tragédias eram compostas para representação no teatro de Dionísio, mas estavam posteriormente disponíveis em "livros". Contudo, a única prova inequívoca é a confissão de Dionísio nas Rãs de Aristófanes: "quando eu estava a ler a Andromeda (Eurípides, 413 a.c.), para mim próprio no barco".

É razoável admitir que os atenienses não teriam podido compreender o significado das paródias nas inúmeras passagens paratrágicas da comédia ática a menos que tivessem lido as tragédias, tal como o deus do teatro leu a Andromeda(...). No entanto, é um erro pensar que existiram poetas que escreviam as suas peças exclusivamente para serem lidas. Nunca existiram tais escritores, tendo as peças sempre sido compostas antes de mais para serem representadas. O conhecimento que Eurípides

tinha dos livros é ridicularizado por Aristófanes, que se diz ter sido proprietário de uma biblioteca. Wilamowitz tentou demonstrar que os textos das tragédias teriam sido os primeiros "livros" gregos (...), distintos dos escritos anteriores. Contudo, estes nunca foram uma escrita independente e acabada; podem ter sido apontamentos de factos ouvidos ou vistos no passado, rascunhos de futuros livros, ou notas explicativas de outros escritos, isto é, comentários. É arbitrário designar como apontamentos os textos jónios em prosa, como os fragmentos que nos chegaram de Heraclito e Hecateu. Esses textos eram obras mais ou menos concluídas, copiadas pelos alunos ou amigos, ou depositadas num templo, como no caso de Heraclito. Não se deve desprezar a influência da tragédia no desenvolvimento do livro mas, até hoje, ainda não foi provado que os autores de tragédias tivessem sido os primeiros escritores a ter os seus trabalhos disponíveis como livros para um público mais vasto.

Aparentemente, Heródoto fez palestras em público, recitando, aqui e ali, um simples *logos* e, certamente, estaria aberto às ideias e recursos estilísticos dos sofistas. A sua História, o primeiro grande trabalho da literatura grega em prosa, foi finalmente escrito em Itália cerca de 430 a.c. e apenas postumamente publicado. Dificilmente teria tido alguma influência no desenvolvimento do livro. Mas, as declarações de Tucídides, na geração seguinte, mostram que este estaria já a pensar nos seus futuros leitores. Aparentemente, este grande aumento da dispersão da palavra escrita ocorreu entre estas duas gerações. É sem surpresa que se verifica que, na última

década do século V, a tradição ática, até aí oral, se fixou pela primeira vez num livro (...) de Hellanico de Lesbos; a sua ligação aos sofistas contemporâneos é claramente perceptível.

É uma notável coincidência que, sob os auspícios de Euclides (403/2 a.c.), o alfabeto jónio tenha sido oficialmente adoptado para os documentos públicos em Atenas ao invés da escrita ática local. Se, como se supõe, a tradição escrita começou em Jónia, seria natural que os caracteres jónios fossem predominantemente utilizados para fins literários também em outras partes da Grécia. A sua crescente popularidade em Atenas durante a segunda metade do século V pode ser atribuída aos sofistas itinerantes que, na sua maioria, eram oriundos de cidades jónias. As letras descritas no Theseu de Eurípides são aparentemente jónias. Apesar de terem sido necessárias traduções ocasionais dos textos (e, sem dúvida, que alguns erros foram cometidos durante esse processo), não ocorreu qualquer tradução sistemática da literatura anterior. Naturalmente, a escrita jónia tornou-se, com o decorrer do tempo, universalmente aceite, quer para textos literários, quer para documentos.

Permanece a questão de saber se os sofistas podem reclamar ter ou não desempenhado um papel decisivo nesta mudança. O próprio Pródico, um dos principais sofistas, é posto em pé de igualdade com um "livro" no Tagenistas de Aristófanes, : "foi, ou um livro, ou Pródico que arruinaram o Homem" (...). A alternativa colocada revela pelo menos que o carácter literário era visto como característica dos sofistas.

Ao mesmo tempo, aponta para o perigo dos livros dos sofistas, e talvez mesmo dos livros em geral. A partir do Symposium de Platão, em que a acção decorre em 416 a.c., pode-se inferir que o Horai de Pródico circulava como "livro". Mais tarde, a partir de uma cópia deste livro, Xenofonte retirou a famosa parábola de Hércules do cruzamento. Xenofonte refere também uma entrevista de Sócrates com um tal de Eutidemo que possuía uma admirável colecção de livros de poetas e de "sofistas". Como professores profissionais, os sofistas forneciam livros de texto dos grandes poetas aos seus alunos, tendo também começado a distribuir cópias dos seus próprios textos para servir como modelos e a escrever livros de texto práticos. A instrução oral, se bem que continuando a ser a mais importante, não era suficiente para o fim específico dos sofistas. A ser verdade a tradição segundo a qual os livros de Protágoras lhe teriam sido tirados e queimados na Agora quando este foi acusado de ateísmo (416/15 a.c. ?), deve-se assumir a existência de um comércio e distribuição de livros entre o público ateniense da altura. Contudo, este deve ter sido em pequena escala. As discussões acerca do problema, e mesmo do perigo, deste novo hábito deviam estar relacionadas com os escritos dos sofistas. Encontra-se um exemplo desta situação na apreciação que Aristófanes faz com desdém acerca de Pródico; o seu ponto de vista era meramente ético. Uma oposição mais geral e filosófica é a de Sócrates e Platão, sendo sistematicamente repetida desde o diálogo Protágoras até ao Fedro. São essencialmente dois os pontos relevantes para o problema em causa. Em primeiro lugar, o alvo dos ataques eram

os sofistas, o seu exagerado respeito pela palavra escrita e a sua preferência pelo uso de livros. Argumenta-se que tal atitude, propagada por professores influentes, teria como objectivo enfraquecer ou mesmo destruir a memória física na qual se baseava a tradição oral do passado, e, em última instância, seria uma ameaça para a verdadeira filosofia que requer uma relação pessoal entre o orador e o ouvinte de modo a implantar na alma deste último a palavra viva. O segundo ponto pode ter sido ainda mais importante para o futuro. Os argumentos socráticos e platónicos são a expressão de uma aversão geral e profundamente enraizada nos gregos contra a palavra escrita. (...) O espírito grego nunca se revelou inclinado a aceitar uma tradição apenas porque esta se encontrava escrita num livro. A questão importante era a verdade ou falsidade, permanecendo vivo o desejo de recuperar a palavra original "dita" pelo autor no momento em que esta ainda não havia sido obscurecida ou corrompida por uma longa transmissão literária. Se os livros eram um perigo para a mente humana, a ameaça seria pelo menos diminuída pela luta de Platão contra eles. Nunca, entre os gregos, houve uma real "tirania" do livro, como aconteceu no mundo oriental ou medieval.

Sem dúvida que a contribuição dos sofistas para o desenvolvimento do livro constituiu uma prestação importante para a civilização grega em geral e para o futuro da escolaridade em particular.

Abordaremos seguidamente os progressos introduzidos pelos sofistas no campo da aprendizagem e da discussão por intermédio de alguns exemplos representativos. Para este fim, convém recordar que a parte mais importante da sua actividade foi a **"interpretação" da poesia anterior** (...). O único exemplo significativo que chegou até nós é a explicação de um poema lírico monoestrófico de Simónides por Protágoras no diálogo de Platão com o mesmo nome. Protágoras está a examinar uma conhecida obra do poeta provavelmente mais famoso da sua geração, Simónides (que morreu cerca de 468 a.c., enquanto que Protágoras nasceu cerca de 490 a.c.) e descobre nele uma contradição óbvia (...). Este tipo de exame crítico das palavras singelas do poeta e do seu significado (...) é, no ponto de vista sofista, o mais importante treino mental que um jovem deve realizar (...).

De modo idêntico, Protágoras descobre no poema em causa um uso incorrecto da forma de um comando em vez da manifestação do desejo, na primeira linha da Ilíada. A referência deste facto por Aristóteles confirma, de certo modo, o pressuposto de que Platão, na passagem acerca do poema simonideano, não estava a ridicularizar Protágoras enquanto o grande sofista estava a falar. Por outro lado, quando Sócrates, na sua extensa refutação dos argumentos de Protágoras, fornece uma série de interpretações em detalhe e uma explicação geral, Platão diverte-se com uma espécie de paródia inteligente ao "método" sofista. Sócrates é representado como recorrendo a um outro proeminente membro do círculo, Pródico, contemporâneo do poeta Simónides e primeira autoridade em "sinónimos" a quem é pedida a distinção clara entre o sentido de palavras que Protágoras havia negado. De modo a salvaguardar um homem sábio como Simónides de pecar

contra a razão, Sócrates recorre às mais violentas transposições de um advérbio e de um adjectivo (...).

Difícilmente será possível discernir a verdadeira imagem das interpretações sofistas por entre estas maliciosas e divertidas distorções socráticas. Contudo, se se tiver em conta o Protágoras *histórico* no início da sua própria discussão, esta passagem revela-se suficiente para mostrar que este não visava a **leitura** ou o significado real do texto de Simónides. A **crítica** em relação às palavras e ao seu sentido, crítica em que Protágoras mostra a sua superioridade, é considerada útil para a disciplina da mente dos seus alunos. Em última instância, é o valor educacional deste procedimento que é enfaticamente negado pelo Sócrates platónico. Não se podem interrogar e discutir os poemas de um poeta antigo com ele mesmo, mas apenas falar acerca dum texto literário. Estas interpretações não conduzem à verdade, antes a interpretações arbitrárias. Por detrás desta atitude céptica face às interpretações sofistas da palavra escrita, há neste diálogo o primeiro sinal da desconfiança de Platão em relação à poesia como fonte da verdadeira sabedoria. É muito provável que os contemporâneos e seguidores de Protágoras praticassem, na geração seguinte, o mesmo género de interpretação. Existem provas no Protágoras de Platão referentes a Pródico e Hípias, mas nenhuma prova directa. Quando Calicles, no seu discurso no Górgias acerca da "lei da natureza", se refere a uma passagem de um poema de Píndaro, não está de modo nenhum interessado na explicação do texto. Pelo contrário, usa a citação para mostrar que ela é contrária ao seu ponto de vista.

(...) As explicações sofistas da poesia anteciparam a emergência de um determinado campo de investigação: **a análise da linguagem**. O objecto final é retórico ou educacional, não literário.

Não admira, portanto, que os sofistas se tenham tornado mais eficientes nesta esfera do que em qualquer outra. **Protágoras** parece ter indicado o caminho com o conceito de *ortoepeia*, tendo-se ocupado com a "correção da dicção" no seu famoso livro intitulado Aleteia, isto é, "Verdade". (...) Protágoras estabeleceu a necessidade de distinguir quatro classes de proposições; "desejo" (oração), "questão", "resposta" e "comando", proposições estas a que também chamou *bases do discurso*. (...). Foi também, aparentemente, o primeiro a distinguir o masculino, o feminino e o neutro (...) e a exigir um cumprimento rigoroso desta divisão no uso do género e na terminação das palavras. Os poetas cómicos troçaram, prontamente, desta nova doutrina da exactidão do género. (...) mas, a verdade é que há importantes observações e discussões por detrás dessas passagens divertidas. Relativamente à suposição de que Protágoras foi também o primeiro a distinguir os tempos dos verbos, não temos elementos suficientes para a defender; não há nenhuma referência ou citação especial, como acontece nos casos anteriores, além de uma pequena observação de Diógenes de Laércio (...).

Quase todos os sofistas mais conhecidos, depois de Protágoras, deixaram contribuições próprias no campo linguístico. A figura mais representativa é **Pródico** de Ceos, contemporâneo de Sócrates (nascido a 469 a.c.) e cerca de vinte anos mais novo que Protágoras. Era pelos seus discursos acerca da "perfeição das palavras" que Pródico cobrava aos seus ouvintes a invulgar pagamento de 50 dracmas (...). Mesmo

que haja um pequeno exagero irónico no retrato que Platão traça do ensino de Pródico, não há qualquer dúvida de que ele gostava de brincar com duas ou três palavras diferentes que pareciam ter o mesmo sentido (palavras essas que, só com Aristóteles, se passaram a chamar sinónimas), sendo seu objectivo mostrar o erro dessa suposição. Por intermédio de uma subtil discriminação entre esses sentidos, Pródico instruía os seus alunos "acerca do correcto uso das palavras".

(...) Quando nos debruçamos sobre as questões da **crítica literária**, esperamos descobrir nos sofistas uma nova atitude para com a poesia épica. No séc. VI, a actividade dos rapsodos era muito viva, e assim continuou até ao séc. V. Era como se todas, ou a maior parte das narrativas épicas, fossem consideradas como o trabalho de um único poeta, chamado Homero.

O primeiro escritor de elegias que conhecemos, Calino de Éfeso, na primeira parte de séc. VII, atribuía a si próprio os poemas épicos acerca das guerras de Tebas; nos livros populares de histórias do séc. VI acerca da vida de Homero e acerca da sua disputa com Hesíodo, Calino aparece como autor de um notável número de poemas, principalmente acerca da guerra de Tróia. (...) Ao mesmo tempo, Teógenes escreveu acerca da poesia e da vida de Homero, mas não sabemos até que ponto associava todos estes poetas épicos a Homero. Nas grandes competições do festival das Panateneias, não só foram recitados os dois poemas épicos hoje preservados, como muitos outros. De modo semelhante, no séc. V, a famosa expressão de

Ésquilo segundo a qual as suas tragédias são "partes dos grandes banquetes de Homero" refere-se à massa dos poemas narrativos épicos. (...) Quem, finalmente, começou a examinar aquela enorme e rica produção de poemas épicos e a diferenciar entre os diversos poemas e os seus respectivos poetas ?

Se consultarmos Wilamowitz, que fez as mais penetrantes pesquisas deste problema, apercebemo-nos de inúmeros aspectos extravagantes. (...) Mas, de facto, não há qualquer evidência da presença na Grécia de uma "crítica elevada", de um "exame do valor poético" ou do "juízo artístico" a que ele se refere. O único autor cujas observações críticas ainda podem ser lidas hoje é **Heródoto** que, muito simplesmente, reparou na discrepância entre a descrição do caminho de Esparta para Tróia dada por Páris e Helena na Cipria e a descrição feita na Iliáda o que, conseqüentemente, se traduz na negação da autoridade da Cipria por Homero (...). Ao princípio, pode aparecer como imprevisto e desapontador que, na época dos sofistas, não tenham sido encontrados nenhuns traços distintivos desses poemas que foram considerados como "a fina flor da escolaridade" nos melhores tempos Helénicos. Por outro lado, este resultado está em harmonia com a ideia geral de que os sofistas não devem ser considerados como "os pioneiros da escolaridade". O estudo da poesia épica só correspondeu às suas aspirações retóricas e educacionais.

O primeiro estilista foi o siciliano **Górgias**, de Leontini, que também teve alguma inclinação para teorizar sobre problemas estilísticos. Nascido no princípio do séc. V, e por conseguinte, contemporâneo de Protágoras, diz-se que

alcançou a idade de 105 ou mesmo 109 anos. Mas a sua primeira visita a Atenas foi feita só em 427 a.c., depois de Protágoras e Pródico terem começado a sua actividade ali. Apesar de Górgias, de acordo com os relatos de Platão, ter dado *todo* o ênfase ao treino retórico, e expressamente ter alegado não ser um educador, tal não impede que o consideremos como pertencente ao vasto círculo do movimento sofista.

As duas obras retóricas de Górgias preservadas até nós, Elogio de Helena e Defesa de Palamedes, dão conta da sua vivacidade para criar um novo estilo prosaico, competindo com a poesia do passado, revelando-se assim como um discípulo digno do seu compatriota, o poeta Empédocles. (...). Os temas das suas declamações, originalmente épicos, eram temas que tinham sido recentemente tratados pelos escritores de tragédias clássicas que conheciam muito melhor a prosa artística de Górgias do que a poesia primitiva. Mas, para além das invenções estilísticas, Górgias parece ter tido um interesse novo e pessoal no drama trágico.(...).

Temos vindo a sublinhar que a poesia abriu caminho para a sua própria compreensão e que os poetas eram naturalmente críticos competentes de poesia, particularidade que se aplica à crítica dramática. Desde o princípio que a crítica é um dos tópicos da velha comédia, e Aristófanes é o grande herdeiro desta tradição. Usemos algumas passagens simples de Aristófanes com o fim de perceber como é que os sofistas começaram a interpretar a poesia primitiva ou a reflectir acerca da linguagem.

(...) A poesia grega era, muito naturalmente, de natureza *ética* desde os tempos épicos. Foi só na grande crise do final do séc. V que surgiu, como problema, a consciência desta tendência ética inata. As evidências documentais sobre a reflexão sobre este problema, são dadas por Aristófanés, especialmente nas Rãs, onde os grandes poetas do passado, representados por Ésquilo, são aceites como líderes morais das suas gentes, enquanto que os poetas contemporâneos, representados por Eurípedes, ou por "filósofos" como Sócrates e os sofistas, são condenados como destruidores de moral.

No decurso da sua recitação sobre Helena, Górgias insistiu novamente (...) na "recepção" que todo o discurso, quer em verso quer em prosa, é capaz de produzir. Depois, chama à poesia, em geral, um "discurso em verso"(...), o que soa como uma depreciação do seu interesse retórico. Mas, por outro lado, continua a descrever o efeito extremamente poderoso desta "composição métrica" sobre os ouvintes. (...). É-se obviamente inclinado a limitar o alcance destas palavras à tragédia, como Aristóteles fez no Poética, mas, se é possível confiar no texto dos nossos dois manuscritos, Górgias também queria incluir a poesia épica e lírica. Não estou certo de que aí não esteja perfeitamente implícito, e pela primeira vez, o reconhecimento de que a oratória, a pura e simples palavra sem música ou metro, pode ser igualmente eficaz. (...) A principal ambição de Górgias foi ensinar aos seus alunos as técnicas do seu grande novo estilo cuja perfeição formal deveria ter efeitos emocionais nos ouvintes, efeitos esses que aliás ele descreveu.

Os esforços de Górgias têm sido regularmente postos a ridículo nos tempos modernos e antigos. (...) As frases vazias e artificiais do artista exímio podem ser aborrecidas ou até repulsivas, particularmente para uma mente filosófica; mas, sentimos em Górgias uma genuína *φιλία*, um amor pelo *λογος*, bem assim como pelo poder comovente que está por detrás dele. Isto parece ter "encantado" os seus contemporâneos e ter exercido uma influência duradoura. Um tal incentivo não pode ser inteiramente desprezado numa história da *φιλολογία*.

Dos muitos alunos de Górgias, os mais notáveis, foram Isócrates e Alcidas, duas figuras diferentes e até mesmo contrastantes. Como o seu mestre, **Isócrates** (436-338 a.c.), não tem sido favorito, quer entre filósofos, quer com sábios, mas ninguém pode negar o seu verdadeiro amor e domínio da linguagem. Ele levou a sua perícia oratória à perfeição e saiu-se bem em ensinar às gerações seguintes do séc. IV. Como génio pedagógico, pode ser comparado a Melanchton. Apesar dos seus discursos polémicos "Contra os sofistas", nos quais ataca as falsas reivindicações dos seus rivais, representa o movimento literário da sua época. Seguindo Górgias, também ele escreveu um "hino" ao *Λογος*. Em contraste com Górgias, porém, o seu *λογος* não aponta para efeitos emocionais, para o "tremor devido ao medo e ao lamento", mas tão só à persuasão racional por argumentos sóbrios (...). Como Isócrates se queixava, alguns sofistas confundiram, infelizmente, este raciocínio criativo, o *λογος*, com a aprendizagem estéril. Pela sua parte, ele dava grande valor ao conhecimento compreensivo da literatura, da poesia e da prosa artística, mas só até onde

isso permitia chegar àquele que era o seu objectivo final: "falar bem". Não se trata de falar bem em sentido puramente formal. "Usar bem o $\lambda\omicron\gamma\omicron\sigma$ ", é a melhor garantia da "cultura" e, como Isócrates afirma, "melhor é chamar gregos àqueles que partilham a nossa cultura do que àqueles que partilham a nossa raça comum" (...). Pela primeira vez, a unidade cultural dos "gregos" é proclamada de forma muito consciente nesta frase famosa de Isócrates; ela aponta em direcção ao futuro. Por todas estas razões, Isócrates merece o seu lugar na história da escolaridade.

Alcidamas, talvez um pouco mais velho que Isócrates, era a favor da improvisação dos discursos, tanto na prática como na teoria. Considerou os rapsodos épicos como improvisadores e considerou-se a si próprio como continuador da tradição rapsódica na oratória: Deve ter sido a essa mesma tradição que ele foi buscar a velha história popular da "Disputa entre Homero e Hesíodo". (...) A poesia épica é, principalmente, representada por referências à Odisseia a que Alcidamas chamou "espelho justo da vida humana", uma metáfora que encontrou forte censura de Aristóteles. Outras pequenas frases podem apontar para a sua definição do pathos trágico, definição que talvez devesse algo à definição do seu mestre Górgias. Alcidamas também mencionou poetas épicos (Arquíloco, Safo) e filósofos respeitados (Pitágoras, Anaxágoras) em certas cidades gregas. O seu livro era uma compilação de vários materiais eruditos, o que o liga ao grupo de sofistas a que finalmente chegamos - aqueles que principal ou exclusivamente coleccionaram e descreveram "antiguidades". (...)

Foi **Hípias** de Elis, tal como foi revelado no diálogo de Platão do mesmo nome, quem usou a palavra antiguidades pela primeira e única vez na literatura pre-helenística; "as pessoas gostam de ouvir acerca das cartas genealógicas dos heróis e homens, acerca das anteriores fundações das cidades, (...), e por isso, teve de "aprender e ensinar todas estas coisas muito cuidadosamente". Platão representa-o orgulhoso do seu conhecimento universal assim como da sua habilidade prática em todas as coisas. Por muito maliciosa que possa ser esta imagem, Hípias merece crédito por investigar algumas "antiguidades" especiais. Os seus registos de vencedores de Olimpia são provavelmente a primeira tentativa para estabelecer a base para uma cronologia grega. (...) De outro livro, chamado simplesmente Colecção, veio a história de uma beleza célebre que foi casada com 14 homens. Hípias deve ter sido o maior especialista na matéria se tivermos em conta todas as outras pequenas referências sobre mitologia, geografia, história e especialmente as suas referências a poetas primitivos e filósofos. (...) É muito provável que ele tivesse uma colecção similar de passagens dos primeiros filósofos (...). As suas obras não formam uma crónica, mas uma lista de nomes acompanhada de algumas observações. Assim, penso que é incorrecto chamar às suas colecções literárias o princípio de uma "história" da literatura e da filosofia. Em vez disso, a forma própria de todos os escritos de Hípias e seus contemporâneos sobre antiguidades parecem ter sido o catálogo, a lista. Os sofistas, enquanto oradores e professores, necessitavam desses conhecimentos. Tal como

noutros campos, o que inspirava os seus esforços não era um mero interesse escolar nos costumes da vida nas primeiras idades ou mesmo da "história da cultura", mas sim as necessidades práticas do seu ofício.

Começamos por falar do estudo das antiguidades, porque era particularmente característico de Hípias, mas como sábio que era, incorporou no seu programa educacional, não só todo o seu conhecimento literário, mas também temas científicos elementares. De forma, ao que parece, independente de qualquer tradição pitagórica, registou conjuntamente dados sobre astronomia, geometria, aritmética e 'música', uma combinação de ciências, que teve uma longa história até que finalmente Boécio lhe deu o nome de *quadrivium* aproximadamente 1000 anos depois de Hípias. (...) Hípias não era um verdadeiro filósofo ou teórico político mas, como estava sempre ansioso para provocar a admiração da sua audiência com alguma novidade, conseguiu dar uma nova forma às discussões contemporâneas sobre "physis e nomos". A fazer fé no Protágoras de Platão, foi Hípias quem primeiro usou a fórmula antitética "natureza / convenção", fórmula que se tornou quase clássica. Nos seus estudos de linguagem, aceitou, como outros, o conceito de *ortoepeia* de Protágoras; tomou parte nos animados debates sobre os poemas épicos, sobre os heróis homéricos, sobre a vida do poeta Homero. Um campo, até então evitado pelos outros sofistas, foi explorado por Hípias sozinho. Questões de ritmo e de métrica tinham sido preocupação dos músicos, possivelmente, de Lasus de Hermione, no fim do sec. VI, e, certamente, do ateniense Damão, professor de Péricles. Hípias

parece ter sido o primeiro "homem de letras", não um músico, a tratar a linguagem juntamente com a música, distinguindo "o valor das letras e sílabas e ritmos e escalas". De simples sons, avançou para várias letras juntas, isto é, as sílabas e as suas quantidades, depois para certas sequências de sílabas longas e pequenas, para ritmos e, finalmente, para "harmonias". A tradicional unidade grega da palavra e da "música" ainda era mantida, mas o ênfase deslocou-se da "música" para a linguagem. O fim deste importante desenvolvimento deu-se na segunda metade do séc. IV, quando a dicção poética e métrica é tratada em completo isolamento da rítmica. O papel desempenhado por Hípias e talvez por outros sofistas no período de transição é escassamente mencionado pelos estudiosos modernos. Um sofista versátil como Hípias estava quase comprometido a escrever os seus próprios versos: épicos, tragédias, ditirambos.

(...) Encontrámos a mesma combinação do saber sobre antiguidades com a poesia em **Crítias** (cerca de 460-403 a.c), razão pela qual o pomos a par de Hípias. Diz-se que Crítias foi aluno de Górgias e certamente foi por algum tempo companheiro de Sócrates. (...) Podemos colocar correctamente Crítias ao lado de Alcidas e Hípias. Nas suas elegias, Críton produziu um catálogo de inventores, gregos assim como estrangeiros, do qual já citamos a invenção do alfabeto pelos fenícios, um invento decisivo na história da humanidade e particularmente na história da escolaridade. Outras elegias trataram de costumes, invenções ou mesmo constituições em diferentes partes da Grécia e mostram a sua clara preferência

por Esparta. O seu especial interesse pelas invenções e o seu gosto para coleccionar material erudito assim como o seu objectivo educacional enquadram-se completamente na tradição sofista. Tanto quanto sabemos pelas consideráveis faculdades poéticas dos fragmentos das suas tragédias e peças satíricas, não surpreende que ele seja o único sofista que põe algum do seu material teórico em verso com o fim de o tornar porventura mais atractivo para o leitor. Crítias, como escritor de "antiguidades" elegíacas e textos épicos "literários", detém uma posição importante, intermediário entre o *poetae philosophi* do passado e o *poetae docti* do futuro, não sendo ele próprio nem um filósofo nem um sábio.

(...) Dissemos acima que, num certo sentido, os sofistas podem ser considerados como herdeiros dos rapsodos primitivos. Os rapsodos, recitando e interpretando a poesia tradicional ainda no fim do séc. V (...), tornaram-se, naturalmente, alunos dos sofistas. Sócrates, no Ion de Platão, queixa-se de que o inteligente e "divinamente inspirado" rapsodo não tem nem técnica, nem sabedoria, nem "arte" ou "conhecimento". A mesma censura é feita contra os sofistas em geral, mas por razões bastante diferentes. As suas várias actividades no campo da literatura foram baseadas apenas na observação e experiências práticas. Não pode existir qualquer dúvida acerca da sua própria eficiência e no seu entusiasmo em esclarecer outras mentes. Eles deram uma contribuição decisiva para o desenvolvimento do livro, de cuja emergência e existência a escolaridade dependeu. Despertaram e mantiveram um novo

interesse pela poesia primitiva, mesmo se a interpretação nada mais significasse para eles do que treino mental. A virtuosidade retórica teve como resultado imediato as suas análises da linguagem e os seus estudos "críticos" da literatura. O seu amor genuíno pela linguagem influenciou gerações que começaram pesquisas mais sérias. Finalmente, se tiveram que acumular uma vasta sabedoria para as suas próprias performances e para a instrução de alunos, tais colecções tornaram-se sugestivas para estudos posteriores. Mas todos os seus esforços, consideráveis como foram, tiveram um carácter mais ou menos arbitrário e casual. Mesmo as matemáticas que ensinaram permaneceram, aparentemente, num nível empírico.

(Tradução de Olga Pombo. Na tradução deste texto contámos com a colaboração de Cristina Alegre e de Pedro Jorge Custódio)